

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC

CENTRO DE DESPORTOS - CDS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF

DEBORA CLOSS

**O SENTIDO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA PARA
ALUNOS DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS**

FLORIANÓPOLIS, SC

2020.

DEBORA CLOSS

**O SENTIDO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA PARA
ALUNOS DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de Seminário de
Conclusão de Curso II, da Universidade
Federal de Santa Catarina, Centro de
Desportos, Educação Física, licenciatura.

Orientador: Professor Dr. Fábio Machado
Pinto.

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

CLOSS, DEBORA

O SENTIDO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA
NATUREZA PARA ALUNOS DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE
FLORIANÓPOLIS / DEBORA CLOSS ; orientador, Fábio Machado
Pinto, 2020.

30 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. educação física . 3. escola;. 4.
práticas corporais de aventura. 5. natureza. I. Machado
Pinto, Fábio. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Educação Física. III. Título.

Debora Closs

O SENTIDO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA PARA
ALUNOS DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de
“Licenciada” e aprovado em sua forma final pelo Curso Educação Física

Florianópolis, 11 de dezembro de 2020.

Prof. Dr. Carlos Luiz Cardoso
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Fábio Machado Pinto
Orientador
Centro de Ciências da Educação, UFSC

Prof. Me. Maria Eduarda de Sousa
Avaliadora
Centro de Desportos, UFSC

Prof. Dr. Fábio Lanferdini
Avaliador
Centro de Desportos, UFSC

Prof. Me. Débora Vanusa Brandalise
Avaliadora
Prefeitura Municipal de Florianópolis

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa trata-se sobre a análise de uma experiência de estágio em aulas de Educação física escolar, com uma turma do oitavo ano do Ensino Fundamental de uma Escola Pública da rede Municipal de Florianópolis (PMF), Santa Catarina. Como tema dessa experiência, estão as Práticas Corporais de Aventura na Natureza (PCANs), pois estas constam como conteúdo da Educação física escolar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e na Proposta Curricular do Município de Florianópolis onde o planejamento do estágio foi embasado metodologicamente. O objetivo geral desta pesquisa foi analisar e compreender a experiência de ensino das PCAN'S para os alunos, identificando os desafios e possibilidades do conteúdo além do sentido destas práticas para os mesmos. Foram realizadas dezenove aulas em diferentes formatos e locais do colégio, aulas expositivas, conversas, aulas práticas de slackline, experimentação do rapel e escalada adaptados para a realidade do colégio, realização de pesquisa e apresentação de trabalho em grupos, como forma de avaliação dos alunos, além de uma saída de estudos onde pôde-se utilizar da interdisciplinaridade deste conteúdo, meio ambiente e sustentabilidade. Houve a aplicação de um questionário e através deste pode-se obter mais resultados sobre o sentido deste tema para os alunos. Percebeu-se que houve grande aceitação do conteúdo pelos alunos, foi o primeiro contato de grande parte deles com o mesmo, houve também um pequeno estranhamento de alguns mais habilidosos nas práticas esportivas mais tradicionais. Percebeu-se também que houve uma compreensão da Educação física como algo além dos esportes tradicionais e que o planejamento deve ser estendido por maior tempo para que haja uma maior relação, assim como ocorre com outras práticas.

Palavras chave: educação física; escola; práticas corporais de aventura; natureza.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer de todo meu coração, a todos os que participaram desta longa caminhada e importante fase de minha vida. Todos que de alguma maneira me incentivaram, direta ou indiretamente para a realização deste momento. Meus pais, Denise Schardong e Marcos Luiz Closs, meus irmãos, Eduardo e Henrique, minha cunhada, Cleo Valmórbida, meus avós, Vera e Luiz Schardong, todos os meus tios e familiares. Agradeço imensamente ao meu companheiro, Diego Goularte e amigos que fizeram-se presentes, alguns mesmo distantes, dando apoio ou conforto em momentos difíceis: Adriana Eidt, Vera Sartori, Giulia Salvador de Lemos, Lais Souza, Alana Kipper, Thamires Mafissoni, Karina Michel, Angélica Farias, dentre outros tantos, não menos importantes.

Ao meu Professor e Orientador, Fábio Machado Pinto, que desde a disciplina de estágio I, quando eu quis desistir, apoiou e incentivou a continuidade desta caminhada, coordenador do PIBID, onde aprendi muito e tive experiências muito significativas para a formação.

Devo dizer que nada disso seria possível se não houvessem pessoas tão maravilhosas, incentivadoras, compreensivas e queridas em minha vida.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCANs - Práticas Corporais de Aventura na Natureza

PCAs - Práticas Corporais de Aventura

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

EDF - Educação Física

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.1 Problematização.....	8
2. REVISÃO DE LITERATURA (Base teórica)	11
2.1 O CONTEÚDO PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, SUAS CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS.....	11
2.2 O SENTIDO.....	15
3. METODOLOGIA EMPREGADA À PESQUISA.....	16
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	16
3.2 CAMPO DE PESQUISA E PARTICIPANTES.....	17
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	19
3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA.....	19
3.5 ANÁLISES DE DADOS E ANÁLISE DO ENSINO DAS PCANS NAS AULAS DE EDF.....	20
4. RESULTADOS.....	23
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	24
6. CONCLUSÕES.....	27
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

Como se dá o processo de inserção do conteúdo Práticas Corporais e de Aventura na Natureza (PCAN) nas aulas de educação física da educação básica? E, qual o sentido destas práticas para os escolares do ensino fundamental? Estas são as questões preliminares que me levaram ao estudo das aulas de educação física durante o estágio e PIBID nos anos de 2018 e 2019.

A Educação física (EDF) é um dos componentes curriculares obrigatórios para escolares desde o ano 1996 pela LDB durante todas as etapas do ensino básico. Como componente curricular obrigatório, ela tem seus objetivos que, entre eles estão: “a aprendizagem como foco principal das ações educativas” e “a valorização da cultura local e o direito ao acesso à cultura global” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p. 132), e tem grande importância no desenvolvimento e formação integral dos sujeitos. Aliás, segundo Bracht (1999), a visão de EDF para o desenvolvimento motor, psicomotor, cognitivo, para a promoção da saúde e da aptidão física, é que viemos tentando transformar, com maior ênfase no Brasil à partir dos anos 90, mais especificamente com as abordagens críticas, para que todos possam compreender que ela envolve/abrange muito mais do que somente o corpo em sua dimensão biológica, principalmente no campo escolar.

Dentro das perspectivas críticas a Proposta Curricular de Ensino do Município de Florianópolis embasada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), trabalham na EDF com a cultura corporal de movimento que vê no movimento uma maneira de expressão da cultura, sendo assim ela se difere dependendo do contexto onde estes povos estão inseridos e suas manifestações são as “brincadeiras, jogos, danças, práticas corporais rítmicas, lutas, esportes, ginásticas e práticas corporais alternativas e na natureza” (FLORIANÓPOLIS, 2015, p. 147). Essas manifestações da cultura corporal de movimento e as diversas formas que se apresenta (práticas corporais e de aventura na natureza, esportes de aventura, esportes de quadra, de rede, etc) e suas codificações, significados sociais e (res)significações, são entendidas como um modo “[...] de relação do ser humano com o mundo e de interação com os outros sujeitos, que, ao possibilitarem a construção de sentidos e significados singulares, configuram-se como produções diversificadas da cultura.” (BRASIL, 2016, p. 95).

Assim, compreendemos que a EDF não se resume somente aos esportes e espaços historicamente “criados” para ela dentro das Escolas, nem somente ao “jogar bola” mesmo que esta tenha sido construída como cultura (talvez de forma errônea) dentro das escolas. Essa é

uma crítica que vem sendo amadurecida ao longo da minha graduação, não somente nas aulas em diálogo com professores e colegas, mas também nos estudos da bibliografia mais recente em artigos, livros e documentos normativos da área de educação e educação física.

As PCAN'S apareceram como conteúdo da EDF e nos últimos anos há um crescente número de trabalhos relacionados às Práticas Corporais de Aventura na Natureza (PCANs) e Práticas Corporais de Aventura (PCAs), possibilidades pedagógicas, metodologias de ensino destas, propostas de ensino, dentre outras.

As PCANs exploram, segundo a BNCC (2016),

[...]expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador. Algumas dessas práticas costumam receber outras denominações, como esportes de risco, esportes alternativos e esportes extremos. Assim como as demais práticas, elas são objeto também de diferentes classificações, conforme o critério que se utilize. Neste documento, optou-se por diferenciá-las com base no ambiente de que necessitam para ser realizadas: na natureza e urbanas. As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de mountain bike, rapel, tirolesa, arvorismo etc[...] (BNCC, 2016, p. 217)

Parte do desafio é o tirar um pouco o foco dos esportes “tradicionais” que há muitas décadas vem sendo reproduzidos nas aulas, salientando e não esquecendo de que eles também têm sua importância histórica, cultural, para o desenvolvimento e aprendizagem dos sujeitos, porém não deveriam/devem ocupar todo o tempo e espaço dando mais oportunidade às diversas práticas corporais/conteúdos existentes na EDF, valorizando a cultura corporal de movimento, os sujeitos e

[...] permitindo o acesso a um vasto universo cultural. Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas, agonísticas que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que comumente orienta as práticas pedagógicas na escola. Experimentar e analisar as diferentes formas de expressão que não se alicerçam apenas nessa racionalidade é uma das potencialidades desse componente. (BRASIL, 2016, p.102).

Os objetivos desta pesquisa são: Analisar e compreender a experiência de ensino das PCAN'S para os alunos do oitavo ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Florianópolis/SC. Para alcançar este objetivo buscamos analisar as estratégias de ensino das PCAN'S realizadas durante a experiência de estágio curricular obrigatório; Explorar e analisar

as possibilidades para a abordagem pedagógica das PCANs nas aulas de educação física do PIBID e Estágio; Identificar as principais relações estabelecidas com o tema e; Compreender o sentido que os alunos dão para estes conteúdos nas aulas.

A escolha do tema se dá pela relevância que o mesmo vem adquirindo como conteúdo da EDF para os anos finais do Ensino Fundamental na BNCC e na Proposta Curricular de Ensino do Município de Florianópolis, considerando que ainda são pouco abordados nas Escolas, mesmo com o crescente número de trabalhos relacionados ao tema nestes últimos anos.

Segundo Soares e Da Paixão (2017), Tahara e Darido (2016), entre as dificuldades impostas aos professores, temos a escassez de material adequado dentro das escolas, falta de estrutura e falta de conhecimento durante a formação dos professores sobre o conteúdo, mas há também grandes receios sobre os riscos que essas atividades proporcionam, não somente pela falta de equipamentos de segurança específicos, que são caros e também se tornam um grande fator de empecilho, mas por medo que estes conteúdos geralmente não são abordados nas aulas de EDF.

Considerando estas dificuldades, nos propomos a estudar o tema, aproveitando as experiências de intervenções de estágio numa turma de oitavo ano, mostrando possibilidades do conteúdo ser abordado, através de aulas teórico/práticas, mesclando atividades e exercícios em diversos espaços e equipamentos como a pesquisa, realizados e apresentados pela turma. Para a abordagem do tema/contéudo escolhemos as práticas do slackline, a escalada e o rapel, sendo que estes dois últimos foram realizados com alguns materiais alternativos, mostrando que há possibilidade de trabalhar as PCANs em aulas de EDF nas escolas com o mínimo de recursos, assim como a trabalhar interdisciplinaridade, pois segundo muitos autores, não há como separar as PCANs do conteúdo meio ambiente e preservação. Por fim, consideramos importante registrar a experiência da pesquisadora, que sempre gostou de diversas práticas em meio à natureza desde a sua infância quando brincava no mato e, mais recentemente, para relaxar e ter momentos de lazer próximo a natureza, mas também buscando inovar dentro da EDF seja escolar ou na sua própria formação universitária.

“Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura na natureza, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais, respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental. (BRASIL, 2016, p. 237)”

A cidade onde vivemos nos leva a práticas que tenham relação com a geografia e cultura local. Florianópolis é uma Ilha com muita natureza preservada, com diversas reservas ambientais, trilhas para praias paradisíacas. O surfe é muito praticado e é essa natureza que atrai

as pessoas que aqui vivem ou vem visitar. Muitas das práticas corporais outdoor que são realizadas na Ilha, tem sempre a paisagem da natureza como pano de fundo e a preocupação com o meio ambiente também é muito forte para quem as realiza. O local é rico para diversas práticas, além do surfe e das trilhas, pode ser praticado trekking, rapel, escaladas, corridas, mountain bike, slackline e muito mais. Esta cultura também deve ser preservada e apresentada às novas gerações nas escolas, possibilitando que os alunos tenham experimentações e vivências pensando no local onde vivem.

Acreditamos que esta pesquisa seja importante para a área da EDF licenciatura pois seu (s) resultado (s) trará (ão) algumas respostas acerca do olhar dos estudantes, uma perspectiva nem sempre considerada nos processos pedagógicos contemporâneos, diferenciando-se da maior parte de artigos/estudos encontrados para a revisão bibliográfica deste trabalho, além de contribuir para a inserção das PCANs e continuação desta na Escola em que o estudo será realizado e, possivelmente em outras.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O CONTEÚDO PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, SUAS CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS

Quais são os conceitos, os benefícios e desafios tratados por autores que pesquisam o assunto? Quais as ligações entre o tema e os documentos normativos utilizados para a realização desta experiência de ensino? Tentaremos refletir sobre estes aspectos buscando analisar as contribuições e desafios para quem ensina PCAN nas aulas de EDF.

Foram localizados diversos estudos sobre as práticas corporais de aventura, por diferentes autores/pesquisadores e há um crescente número de publicações sobre as PCANs, monografias, dissertações, teses, artigos publicados em periódicos. Optei pelos artigos encontrados no Google acadêmico, que foram direcionados para as publicações em revistas de EDF como prioridade neste trabalho.

Como dito anteriormente, foi preferido o termo Práticas Corporais de Aventura na Natureza devido ao uso desta nomenclatura nos documentos referidos BNCC e Proposta Curricular de Ensino do Município de Florianópolis, pois estes são referentes às escolas e onde a pesquisa foi realizada. Para essas práticas existem outras nomenclaturas e diversos autores utilizam da forma como melhor identificam, sendo elas: esportes radicais, esportes de aventura, atividades físicas de aventura, práticas corporais de aventura e outras. Sendo assim, não há um consenso de nomeação para essas práticas, porém elas contém, basicamente as mesmas

características, podem ser facilmente confundidas pelos conceitos e se complementam. Por este fato é que encontraremos neste trabalho, diferenciações de nomenclaturas, respeitando cada autor. Tahara e Darido (2016) referem-se ao fato destas diferenciações e explicam cada uma das nomenclaturas utilizadas no âmbito nacional e internacionalmente. Outro autor que utiliza a nomenclatura Práticas Corporais de Aventura (PCAs), além de Tahara e Darido, é Inácio que, em 2016 realizou um estudo sobre as possibilidades e desafios dessas práticas “ reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular” e, explica que as PCAs:

[...]objetivam comumente a aventura e o risco, realizadas em ambientes distantes dos centros urbanos, notadamente espaços com pouca interferência humana, sejam estes - terra, água e/ou ar. Também se caracterizam por possuírem alto valor educativo e por uma busca do (re)estabelecimento de uma relação mais intrínseca entre seres humanos e tudo que o cerca, o que pode culminar com algum avanço para superar a lógica mercadológica do/no lazer e com a instauração e/ou resgate de valores humanos como a cooperação e a solidariedade (INÁCIO, 2014, p.532 APUD INÁCIO et al, 2016, p.170)

Aqui percebemos que o autor não utiliza o termo Natureza, pois compreende como Natureza não somente o que não foi tocado pelo homem, assim como outros autores e dando espaço à outras Práticas Corporais de Aventura que cabem tanto no contexto urbano quanto natural, o que é totalmente condizente com os documentos utilizados e referidos anteriormente para a elaboração deste trabalho.

Tahara e Darido (2016); Tahara e Carnicelli (2012) evidenciam que devido às diversas condições geográficas do vasto território brasileiro para as práticas corporais de aventura na natureza, podendo ser inclusive o entorno de escolas com áreas de vegetação e/ou parques por exemplo no caso de centros urbanos, podem haver possibilidades de adaptações deste conteúdo para as aulas de educação física e seu contexto.

Para Tahara e Carnicelli (2012), as atividades de aventura como conteúdo nas aulas de Educação física são capazes de gerar motivações e interesses diversificados entre os alunos, “existindo curiosidade e satisfação naquilo que a prática possa proporcionar em termos de sensações e emoções individuais que podem ser compartilhadas com o grupo, como a percepção de liberdade, o ineditismo na vivência, a questão dos riscos sob controle, entre outros.” (TAHARA; CARNICELLI, 2012, p. 62)

Os autores, Franco, Tahara e Darido (2018) salientam a importância das PCAs que dão chances de o professor explorar situações relacionadas ao respeito, cooperação, oportunizando novas experiências aos alunos, valorizando e tendo ética com meio ambiente. Aqui podemos

perceber nitidamente que há o intuito da formação integral do sujeito e suas relações com o meio.

Segundo Inácio et al (2016), afirmam que essas práticas devem ser mais abordadas para que haja um resgate da relação entre ser humano e natureza, “assim deve-se rever paradigmas de nossa produção de consumo, degradação ambiental e extração ilimitada de recursos sustentáveis ou não”. (INÁCIO, H. et. al, 2016, p. 77). O autor, em seus artigos sobre as PCANs é bastante enfático na temática ambiental e no bem-estar que elas proporcionam.

Como afirma Franco (2008), ao se oportunizar aos alunos informações, conhecimentos e habilidades sobre as práticas corporais de aventura na natureza e os mais diversificados conteúdos que não os tradicionais, pode aumentar as opções de uso do tempo livre já na idade em que se encontram e na fase adulta, quando a “liberdade de escolha e independência aumentam significativamente.” Aqui, o autor fala sobre o lazer, como em muitos outros artigos encontrados que também, em alguns deles se relacionam com turismo de aventura e/ou ecoturismo, mas quis dizer que as escolhas futuras se relacionam com as experimentações realizadas durante a vida do sujeito, seja na escola ou não.

De acordo com a BNCC, a realidade é que não encontramos nas escolas os materiais e espaços físicos adequados para as PCANs, porém há diversas possibilidades de realizar vivências e abordar o conteúdo. Tahara e Darido (2016) em Práticas Corporais de Aventura na Escola deixam claro em suas conclusões que há possibilidades de oportunizar as PCAs sendo que este conteúdo abrange diversas modalidades e existem diversas maneiras de promover adaptações em algumas delas dependendo do contexto, da realidade da escola e do local onde está inserida. “Além disso, sabe-se que algumas escolas terão mais ou menos condições físicas, recursos materiais e professores capacitados e comprometidos para que haja a efetiva inserção destas práticas como um conteúdo” [...] (TAHARA; DARIDO, 2016, p. 131).

As dificuldades são muitas, parte deles diz respeito à resistência às inovações pela cultura escolar e pelo próprio professor, que não teve em sua formação esta experiência suficientemente trabalhada. Da Paixão (2017) diz que não há dúvidas de que a inclusão de novos conteúdos na escola e educação física demandam um processo árduo, onde é necessário romper paradigmas que “se encontram cristalizados na própria história escolar” (DA PAIXÃO, 2017, p. 171). Tahara e Carnicelli (2012) também salientam que certamente um professor de educação física não terá todas as técnicas e conhecimentos sobre as PCAs, mas que se houver uma pequena inserção de experiências ligadas ao tema, interesse da parte do professor e/ou

saídas de campo, já diversificará as aulas trazendo novidades e novas possibilidades que enriquecerão a aprendizagem dos alunos e, ao nosso ver consequentemente enriquecerá o professor.

É inegável que muitos obstáculos e dificuldades irão permear o caminho do professor que (tentar) inovar suas aulas com tais conteúdos, mas a persistência e vontade em propor aos educandos algo diferente dos conteúdos habituais das aulas de Educação Física deve ser ainda maior, uma vez que já foi debatido e comprovado em estudos que a relação “Atividades de Aventura - Educação Física Escolar” pode ter relativo sucesso pedagógico e educacional entre os alunos. (TAHARA; CARNICELLI, 2012, p. 65)

Inácio et. al. (2016), diz que para que o conteúdo PCAs seja ensinado/inserido efetivamente nas escolas, deve ser sanada a lacuna que há nos currículos da graduação no curso de EDF para os futuros professores, visto que em sua pesquisa e em algumas outras, professores disseram não abordar as PCAs por não terem a experiência na graduação e/ou de forma muito breve. Tahara e Darido (2018) mencionam que é evidente que os professores abordam somente os conteúdos de que têm maior experiências.

Além da interdisciplinaridade vista acima citada por diversos autores como a temática ambiental e social, por exemplo, há três dimensões que grande parte deles também abordam ao longo de seus artigos. Elas são citadas quando referem-se à inserção de diversos conteúdos nos Parâmetros Curriculares Nacionais/BRASIL no ano de 1997, incluindo a temática ambiental que deveria ser abordada nas diversas áreas do conhecimento. As dimensões são, conceitual, procedimental e atitudinal.

Dentro da dimensão conceitual, pode abordar os aspectos históricos das modalidades, seus principais equipamentos, os atletas famosos, os locais de prática e seu contexto geográfico e histórico, discussões inerentes à preservação ambiental, entre outros. Na dimensão procedimental, ênfase nas técnicas de movimentos e de segurança, adaptações necessárias das modalidades para cada faixa etária, condições da escola para possíveis improvisos que possibilitem a prática, entre outros. Por fim, quando pensa na dimensão atitudinal, valores formativos como respeito às normas de segurança, ética nas modalidades, relações sociais e psicológicas inerentes às práticas (cooperação, coragem, liderança, gestão de conflitos, etc.) nos vem à mente para que os educandos possam receber isto da maneira mais harmônica, reflexiva e natural possível. (TAHARA; CARNICELLI, 2012, p. 62-64)

Neste sentido é que, não somente as PCANs mas todas as modalidades e conteúdos da Educação física escolar devem ser abordados. Se pensarmos nas abordagens de outras modalidades e conteúdos tradicionalmente inseridos na EDF escolar quando apresentadas e no decorrer da vida escolar dos alunos, provavelmente essas não atenderão à estas três dimensões e, mesmo assim são frequentemente “utilizadas”.

2.2 O SENTIDO

Para entendermos o que é e como se dá a “formação” do sentido para cada indivíduo, devemos compreender que o sentido é diferente de significado, segundo Charlot (2000, p.56), significado é produzido socialmente, em relação a algo, diferente do sentido que é produzido pelo próprio indivíduo, o que faz/tem sentido e é importante para ele. Sentido de uma atividade/prática corporal, e/ou de um conteúdo, se dá nas relações onde algo só é possível e tem sentido quando se tem mobilização (desejo de), ou pode-se dizer que só se dá quando tem razão (ões) para pôr-se em movimento, que neste caso são as PCANs nas aulas de EDF e em suas vidas. Mobilizar-se vem de dentro e também é possibilitado através do professor e suas aulas, pois são dadas possibilidades para construção do sujeito. Mobilizar-se é entrar em uma atividade que faz sentido para a criança, pelo que ela produz na própria criança durante a experiência realizada, como as PCANs, trazendo experiências que podem mobilizar á medida em que este sujeito busca realizar-se nestas atividades.(CHARLOT, 200, p.55) O autor utiliza mobilizar/mobilização ao invés de motivar/motivação, pois este segundo termo remete, para ele “ser motivado”, externamente, ou seja, motivado por algo ou alguém. Mobilizar-se é pôr-se em movimento, colocar-se como instrumento de ação, mover recursos para tal. A atividade, por sua vez, é “o conjunto de ações propulsionadas por um móbil que visam uma meta” (CHARLOT, 2000, p. 55.), ou seja, o conjunto ações que o sujeito mobiliza para que entre na atividade e chegue ao seu desejo, à meta. O sentido, então, se dá na relação entre a mobilização e a atividade, ou seja, o sujeito entra na atividade, se mobiliza, se esta tiver sentido para o mesmo.

O sentido é construído através das relações com a materialidade, com aquilo que encontra-se disponível para o sujeito, em seu campo de possibilidades, relacionado ao passado, presente e futuro. Isso quer dizer que o sentido também pode se modificar no decorrer da vida e história do sujeito, de sua evolução, pois este sujeito é um sujeito social, vive e interage todo o tempo com outros e vai construindo-se durante a vida (CHARLOT, 200, p.57)

No livro Metodologias de Ensino da Educação Física (1991), o Coletivo de autores também refere-se ao sentido pessoal, algo que “exprime sua subjetividade e relaciona as significações objetivas com a realidade da sua própria vida, do seu mundo e das suas motivações.” (COLETIVO DE AUTORES, 1991, p. 41-42). Deste modo, o sentido também é individual e tem relação com a realidade da vida, com as motivações do sujeito. A motivação aqui, é dada como pessoal, diferentemente do conceito de Charlot (2000).

3 METODOLOGIA EMPREGADA À PESQUISA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Trata-se de um estudo exploratório para um aprofundamento do tema pela pesquisadora e para reunir dados nos quais a investigação foi realizada, incluindo revisão de literatura, que permita construir um programa de pesquisa mais elaborado, um objeto melhor demarcado. Assim sendo a pesquisa em fase exploratória, [...] “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” (GIL, 2008, p. 27).

Também se caracteriza como uma pesquisa autoetnográfica, que de acordo com Rocha et. al (2018, p. 169), o pesquisador também é um sujeito de sua pesquisa está diretamente ligado à cultura investigada e utilizando de instrumentos como suas reflexões, diários de campo, observações, diálogos, relatos de experiência, dentre outros.

[...] a autoetnografia parece ser um reforço significativo ao pensamento que visa destacar as vivências do sujeito pesquisador em sua pesquisa, na medida em que transforma seus relatos em pesquisa científica porque se situa dentro de uma série de autorreflexões, interações e reconhecimentos de emoções que, cotejadas com outras posições, permitem reconstruir novos conceitos de uma realidade subjetiva. De todos os modos, na autoetnografia fica claro, mais do que em outros desenhos de investigação, a ideia provinda da atividade hermenêutica segundo a qual o sujeito que pesquisa é parte do problema de investigação. (BOSSLE E MOLINA NETO, 2009b, p. 144 APUD ROCHA et. al, 2018, p. 175)

As reflexões e aprendizados sobre suas ações, que surgem da autoetnografia, sugerem que esta é uma metodologia que “mobilize um verdadeiro processo de formação permanente, através do qual o pesquisador tem a possibilidade de rever os modos como estabelece sua leitura de mundo”. (ROCHA et. al, 2018, p.182)

A abordagem da pesquisa é de caráter qualitativo, também buscando resultados através de percepções e análises dos questionários respondidos pelos sujeitos. A abordagem qualitativa

[...] se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2004, p. 22)

Ainda de acordo com Minayo (2004), há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não traduzida numericamente. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa, sendo assim, não necessitam o uso de métodos

e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para a coleta dos dados e quem pesquisa é o instrumento-chave.

3.2 CAMPO DE PESQUISA E PARTICIPANTES

Foram utilizadas as intervenções na disciplina de estágio obrigatório em educação física escolar II (MEN5321) - licenciatura, com o eixo temático Práticas Corporais de Aventura na Natureza, tornando esta pesquisa um estudo de conveniência. Foram realizadas 19 intervenções que iniciaram no dia 08 de maio de 2019 e encerraram no dia 19 de junho do mesmo ano.

A Escola Municipal Beatriz de Souza Brito é considerada uma das escolas com melhor IDEB da rede municipal de Florianópolis. A inauguração do Grupo Escolar Beatriz de Souza Brito ocorreu em 1963 - onde atualmente é o Centro Comunitário - pela união das quatro casas-escola do bairro na época. A construção do novo e atual prédio foi em 1986, ainda próximo à UFSC (Rua Deputado Antônio Edu Vieira, 600 . Bairro Pantanal, 88040-000 Florianópolis) e tem uma ligação muito forte com ela através de estágios de diversas áreas da educação e projetos como, por exemplo, o PIBID. A maioria dos alunos que estudam no Beatriz, são crianças do próprio bairro onde está localizado, porém, alguns deles vêm de bairros vizinhos ao bairro Pantanal. A Escola atende do primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino, com cerca de 500 alunos no total.

Conta com diversos espaços para a Educação física, um ginásio recém reformado porém não totalmente finalizado, tendo alguns problemas de goteiras, problemas nos banheiros, o elevador para cadeirantes e a sala de danças não estão prontos, etc. Conta também com uma quadra poliesportiva, que não é coberta e, na época semi-interditada por conta de um desmoronamento que quebrou um dos muros durante uma chuva muito forte no início do ano, conta com escadarias, rampas de acesso para cadeirantes, biblioteca, auditório, almoxarifado para guardar os diversos materiais da EDF, sala informatizada, pracinha com mesas e bancos de concreto na lateral de um dos prédios, pátio de entrada do Colégio (hoje reformado) e árvores. No momento das intervenções haviam outras reformas e construções sendo realizadas na Escola, incluindo a Secretaria, a sala dos Professores, Diretoria, construção do “deck”, dentre outras. As salas da Secretaria, Direção, Professores, banheiros dos adultos que eram separadas das salas de aulas, tiveram que ser realocados para apenas uma sala de aula, outra parte para a sala de apoio, que é bem pequena, e mais outra parte para a biblioteca. Os professores, funcionários, estagiários de todas as áreas, pibidianos, etc, ficaram sem banheiros, tendo que utilizar os banheiros do ginásio ou o banheiro do refeitório. Havia um grande desconforto e

cansaço por parte deste grupo, principalmente de professores pois a falta de estrutura causava uma certa desorganização e sentiam-se “largados” pelo sistema/Prefeitura. Por fim, o Beatriz conta com uma grande variedade de materiais para as aulas de EDF, como bolas de todos os esportes, cordas, bambolês, brinquedos, pranchas, entre outros, muitos deles adquiridos pelo PIBID e diversas vezes fazem saídas de campo para diversos estudos de diferentes matérias, o que trás mais entusiasmo e interesse dos alunos.

[...]ao se compreender o espaço, são desafiadores também tanto a ressignificação dos usos de quadras e ginásios, espaços que se tornaram historicamente centrais para as aulas de Educação Física, muito em função da hegemonia da prática do esporte como conteúdo quase que exclusivo da disciplina, quanto a utilização de outros ambientes escolares – mas também daqueles que estão nas imediações das instituições –, como salas informatizadas e/ou de vídeo, laboratórios, salas de dança, salas multimeios, bibliotecas e salas de aula etc. (PROPOSTA CURRICULAR DE FLORIANÓPOLIS, 2015)

Os participantes da pesquisa são alunos de uma turma de oitavo ano do Ensino fundamental, denominada ‘82’, que inicialmente continha 21 alunos, passando para 32. Este aumento significativo de alunos, ocorreu devido ao remanejamento de alunos de outra escola do município para esta, por motivos de interdição daquela escola. Os alunos eram, em maioria, calmos e receptivos às propostas e conteúdos das aulas de EDF e nas conversas. A faixa etária é de 13 a 16 anos. Grande parte destes, abriam-se para novas possibilidades/modalidades/experiências além de serem muito participativos. Uma grande parcela destes alunos, sempre tiveram experiências diversificadas tanto na EDF quanto em outras áreas do conhecimento devido à ligação com algumas Universidades, com Estágios obrigatórios e Programas como o PIBID. Devido à estes fatos, estes alunos experienciaram uma grande variedade de conteúdos, diferentemente de outras escolas onde não há ligações com o universo acadêmico e compreendem desde cedo a importância da variedade de conteúdos/práticas na EDF, como é o caso dos alunos que chegaram nesta turma posteriormente ao início do meu estágio. Durante observações de estágio realizadas, em uma das aulas da professora da turma e em outro momento sozinha com a turma em sala, foram feitas perguntas sobre quais as práticas corporais já praticadas por eles dentro ou fora da escola, relacionado às práticas corporais e de aventura na natureza. para assim ter uma ideia de quais as vivências já tinham e quais mais os interessavam. Dentre as práticas que mais interessavam estavam: o parkour, trilhas, escalada, arvorismo e slackline.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A análise dos relatórios produzidos sobre as aulas é aqui abordada juntamente com os dados declarados, por meio de um questionário, pois o sentido revelado encontra-se na relação entre o que dizem e o que fazem nas aulas, através de suas ações observadas e relatadas pela estagiária após o término de todas as suas intervenções.

A aplicação do questionário foi de aproximadamente três meses depois de ocorrido as aulas sobre o tema. No momento da aplicação dos questionários os alunos já estavam tendo outro conteúdo. Os questionários foram formulados em maior parte com questões abertas. Estes questionários são de natureza exploratória, aplicados após o término das intervenções com objetivo de buscar dados diretamente dos sujeitos sobre o objeto sendo, o sentido que os alunos dão para o tema PCANs abordado nas aulas de EDF. A escolha por realizar questionários mistos se dá pelo fato de que cada sujeito tem seu olhar, sente e realiza as coisas de sua maneira, que o sentido das PCANs provavelmente será diferente para cada um destes pois as ações do dia-a-dia em cada lar, bairro e as atitudes relacionadas ao meio ambiente também podem ser diferentes umas das outras. Assim, com as questões abertas há possibilidade de diferentes respostas. Sobre essas questões, diz-se que são:

[...] aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente. (CHAER; DINIZ; RIBEIRO; 2011, p.262).

Ainda segundo Chaer, Diniz e Ribeiro (2011, p. 262), as questões fechadas são aquelas que trazem delimitação de respostas, trazendo alternativas específicas para escolha e não possibilitando a manifestação do interrogado. Essas questões são de natureza simples e objetivas, como sexo (masculino ou feminino), turma e para constatar se o aluno estudou durante todo o ano naquela Escola.

Além dos questionários, há a interpretação dos relatórios produzidos sobre as aulas, pois o sentido não é revelado somente através do que dizem, mas também através de suas ações observadas e relatadas pela estagiária após o término de todas as suas intervenções.

3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Foi realizado um questionário com questões abertas e questões fechadas, onde os alunos desta turma responderam individualmente. O questionário foi aplicado durante o horário de aula de EDF e durou cerca de 20 minutos para ser respondido por todos, ao mesmo tempo. Foi

realizado durante uma aula de EDF, pela conveniência de horários e para que todos os presentes participassem sendo que se levassem para suas casas, haveria o risco de alguns questionários não retornarem e/ou não serem respondidos. A data foi aproximadamente três meses após o encerramento do estágio obrigatório, 29 dos 32 alunos estavam presentes e responderam. Somente algumas questões foram utilizadas para esta pesquisa, pois analisando, outras não foram de relevância para este trabalho e sim para o PIBID, estágio e conhecimento desta graduanda.

1. Assinale. Você estudou o ano inteiro nesta Escola ou veio em outro momento do ano letivo? Sim ; Não, vim durante este ano para esta Escola.
2. Para você, o que são Prática Corporais de Aventura na Natureza (PCAN'S)?
3. Cite alguns exemplos de Práticas Corporais de Aventura na Natureza (no mínimo 5):
4. Assinale. Você já praticou ou pratica alguma delas em algum momento de sua vida, dentro ou fora da Escola? Sim, na Escola ; Sim, fora da Escola ; Não.
5. As PCAN'S têm alguma relação com outros assuntos, conteúdos, matérias ou com nosso dia a dia? Quais ou com o quê?
6. Para você, qual a importância de aprender diferentes conteúdos nas aulas de Educação física (esportes, PCAN'S, jogos, dança, etc)?
7. O que você faz ou pratica em seu tempo livre, fora da Escola (em casa, na rua, etc)?

3.5 ANÁLISE DE DADOS E ANÁLISE DO ENSINO DAS PCANS NAS AULAS DE EDF

A análise é textual descritiva e interpretativa.

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos. (GIL, 2008, p. 156).

As intervenções de estágio iniciaram com a apresentação de um memorial sobre minha vida/experiências e o desejo de ser professora. Durante a apresentação, linkando com ela, íamos conversando e fazendo perguntas aos alunos, para que também pudesse conhecê-los, levando em consideração o que diz na Proposta Curricular do Município que cito abaixo:

[...]é fundamental também identificar o conhecimento e a experiência dos/das estudantes sobre as manifestações da cultura corporal de movimento que integram este Componente Curricular, para, a partir desse reconhecimento, selecionar as práticas corporais mais apropriadas e delimitar os objetivos de ensino e aprendizagem. [...] mas é preciso considerar que “gosto” e “interesse” não são naturais ou inatos, já que são produzidos social e culturalmente, por meio do contato, da experimentação e do conhecimento, mas por vezes também do esforço. Limitar as opções ou os sentidos da ação pedagógica ao gosto dos/das estudantes é de alguma forma privá-los da possibilidade de aprender a gostar de outras coisas e a apreciá-las. (FLORIANÓPOLIS, 2015, p. 140)

Logo após, também com uma apresentação de slides, mostrei alguns dos conceitos das PCANs para a introdução do conteúdo e para que a turma elaborasse o próprio conceito de PCANs. Na aula seguinte houve construção de cartazes do conceito elaborado por eles, que foram pendurados no início da aula seguinte, um na sala de aula e outro no hall do primeiro prédio da Escola. O conceito de PCANs da turma 82 então “São práticas corporais que fazem uma conexão entre o ser humano e a natureza, que envolve desafios, aventura, emoção, prazer e adrenalina”.

Iniciei então, a partir da quarta intervenção com as aulas denominadas ‘Equilíbrio e desequilíbrio’, com a experimentação e vivência do slackline e discos de equilíbrio. Na Escola há três slacklines e utilizei um deles, os discos de equilíbrio foram pegos emprestados por mim, no PET-EDF/UFSC e devolvidos após a aula. Para iniciar com essas práticas, fiz uma breve introdução sobre equilíbrio, sobre o slackline, dei dicas sobre qual a melhor maneira de andar sobre a fita, concentração e foco, além de que deveriam prestar atenção na hora da montagem do equipamento para que em outras oportunidades pudessem realizá-la, dentro ou fora da Escola. A BNCC (2016) diz que os alunos devem identificar as características como os equipamentos de segurança, instrumentos, vestimentas, organização, dentre outros das PCANs.

Seguimos com as aulas de ‘Equilíbrio e desequilíbrio’ com atividades trabalhando o equilíbrio em duplas, progredindo para individualmente, andar sobre linhas/muretas, slacklines montados em alturas diferentes, até a oitava intervenção, evoluindo a aprendizagem de forma contínua e gradual. Nessa mesma aula, a turma foi dividida em quatro grupos, por numeração de 1 a 4 (já com 32 alunos) e houve a explicação sobre o trabalho que deveriam realizar, dando os temas para cada grupo, perguntas norteadoras, data de entrega do trabalho escrito e apresentação do mesmo para o dia 19 de junho. Cada grupo com um tema, sendo eles: slackline, rapel, escaladas e trilhas. A aula seguinte foi realizada na sala informatizada para que os alunos pesquisassem sobre seus temas e pudessem iniciar os trabalhos, além de uma explicação sobre como realizar a pesquisa e as fontes.

À partir do momento em que a turma recebeu mais alunos, as aulas não aconteceram como anteriormente. Ficou mais difícil me comunicar com os alunos, havia muita bagunça e conversas, demoram para fazer silêncio e alguns (novos, principalmente) não demonstravam nenhum interesse pelas aulas. De fato, infelizmente houve um declínio muito grande no “rendimento geral” da turma nas aulas, causando-me algumas frustrações.

Como houveram modificações no cronograma de intervenções, a saída de estudos para o Horto Florestal do Córrego Grande, onde seriam realizadas as trilhas do local e uma pequena palestra dos biólogos e pessoal que lá trabalham sobre meio ambiente, a biodiversidade do local, cuidados, etc, que estava marcada para o dia 30 de maio, foi remarcada para o dia 14 de junho e, posteriormente pelo fato da greve geral, remarcada novamente para o dia 04 de julho, após o término do prazo de término do estágio. Além do fato das alterações do cronograma, sobraram poucas aulas para vivenciar e experimentar o rapel e as escaladas, sendo que as trilhas ainda foram realizadas em uma data posterior.

Por estes fatos, como haveria apenas mais duas aulas faixas sendo que a aula última seria das apresentações dos trabalhos, foi realizado um circuito de experimentações relacionadas ao rapel e escaladas, além da superação de obstáculos, tudo adaptado à realidade e local da Escola e a realização do mesmo circuito em pequenos grupos. Na parte superior do pátio, foram colocadas cordas amarradas em árvores, no muro, para ajudar nas subidas e descidas de morros/declínios, também outros obstáculos naturais do local, até chegarem à caixa d'água, onde havia uma bandeira sinalizando a finalização do circuito. Ao final desta aula, os alunos pediram premiação para os primeiros lugares, todos concordaram e a premiação ficou marcada para a próxima aula.

A apresentação dos trabalhos não ocorreu como o esperado e combinado com a turma. Me disponibilizei a ajudar os grupos com suporte por e-mail ou tirando dúvidas nas aulas, apenas um dos grupos enviou anteriormente para orientação/ajuda. Além de que, muitos dos alunos não ajudaram seus grupos na realização dos trabalhos, não quiseram apresentar com os colegas, outros pesquisaram mas não ajudaram nos slides e/ou no trabalho escrito, mas na hora de apresentar, alguns deram suas colaborações. Foi nítido nas apresentações quais foram os alunos que se envolveram nos trabalhos, inclusive houveram trabalhos muito bons, com alunos muito apropriados dos temas e assuntos. Este trabalho foi uma forma de avaliação, que valia nota pelo envio do trabalho escrito por e-mail ou entrega e pela apresentação.

Os grupos do primeiro ao terceiro lugar tiveram seus nomes escritos no quadro, com seus tempos e as premiações foram entregues (caixa de chocolates, caixa de bis e barra de chocolate). Ao meu ver, não acho justo os outros alunos não ganharem nada sendo que, nessa atividade quase todos participaram e foram muito bem, então também distribuí Bis para todos e paçocas, além de ser uma forma de finalização do estágio.

4 RESULTADOS

Descrevo os resultados das questões descritivas do questionário aplicado em relação às PCANs por ordem decrescente, sendo as respostas que mais se repetiram até as menos repetidas dentre todos.

Os resultados encontrados mostraram que grande parte dos alunos da turma 82, sabiam explicar brevemente e em suas palavras o que eram as PCANs, porém não aprofundadamente.

A grande maioria das respostas da pergunta “Para você, o que são as PCANs?” (pergunta 2), constavam: “esportes em contato com a natureza”, “atividades físicas ao ar livre”, “exercícios em ambientes naturais”, “... que interagem com a natureza”, “...feitos em lugares como uma floresta ou um lago, na praia, montanhas, entre outros lugares”, “... praticados na natureza e com o intuito de se desligarem do mundo exterior”, “brincadeiras, esportes na natureza, ou céu aberto e tals”, “... aventura, adrenalina, etc”.

Sobre quais eram as práticas que eles constavam dentro das PCANs (pergunta 3), grande parte destes citaram o slackline, trilhas, escalada, rapel, além de bungee jump, surf, trekking, caminhada, corrida, salto de paraquedas, motocross, mountain bike, tirolesa, alpinismo, parapente, parkour (urbana), tomar banho de cachoeira.

Quando perguntados sobre se haviam conhecido tais práticas dentro ou fora da escola (pergunta 4), a maioria dos resultados foram fora da escola e na Escola, muitos assinalaram as duas alternativas.

As PCAN's têm alguma relação com outros assuntos, conteúdos, matérias ou com nosso dia a dia? Quais ou com o quê? (pergunta 5), respostas: “caminhada”, “trilhas” e “corrida” foram as respostas mais dadas, “cuidar do meio ambiente/natureza”, “relação com ciências”, “geografia”, “ciclismo”, “projetos sobre lixo” e “não” (não tem relação).

Para você, qual a importância de aprender diferentes conteúdos nas aulas de EDF? (pergunta 6), respostas: “é bom para termos mais conhecimento”, “aprender mais sobre os

conteúdos”, “para ter variedade”, “para diferenciar um pouco e ter mais informações”, “adquirir conhecimento e experiências”, “importante pra não ficar sempre no mesmo conteúdo”, “melhorar o condicionamento físico”, “importância de conhecer coisas diferentes, esportes e conhecê-los e saber a origem e como fazem bem para o corpo”, “melhorar a saúde, aprender novas coisas e se divertir”, “ter conhecimento de um pouco de tudo”, “não muita...” (não muita importância), “se movimentar e aprender”, “é bom pra saúde”, “é bom para os alunos para poderem crescerem mais saudáveis sempre fazendo exercícios”, “mais jogos”, “para variar um pouco e aprender mais”, “pode ajudar em alguns momentos da vida”, “a gente aprende algo novo”, “coisas novas”, “eu acho que primeiramente isso evita doenças e o sedentarismo e para termos conhecimento também”, ou nenhuma resposta.

Outra pergunta era relativa ao o que estes alunos praticam/fazem de atividades físicas/práticas corporais quando não estão na escola (pergunta 7), para tentar compreender se havia alguma conexão com as PCANs. Percebeu-se através das respostas que a turma tem “hábitos” diferentes fora da escola. Por ordem decrescente as respostas foram: “futebol”, “jogo bola”, “futsal”, “vôlei”, “skate”, “dança”, “nada” (não faz nada), “durmo”, “fico no celular”, “basquete”, “assisto netflix”, “jogos online/computador”, “videogame”, “academia”, “escuto música”, “soltando pipa na rua”, “pratico remo e ando de bicicleta”, “como” (comer), “ciclismo e trilha” “estudar e completar os deveres”, “jiu-jitsu”, “surf”.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Pôde-se perceber que nas questões iniciais os alunos leram atentamente antes de respondê-las, mas nas questões relacionadas às aulas de EDF ficou nítido que a falta de atenção e/ou interpretação limitou as respostas de muitos deles. Fui chamada diversas vezes para explicar algumas questões para alguns alunos, pois deixei em aberto para que pudessem tirar suas dúvidas durante o tempo em que o questionário foi aplicado, além de ter dado explicações anteriormente.

Sobre os resultados obtidos através dos questionários, eu inicialmente acreditava que os alunos dariam respostas mais completas, dando mais exemplos e explicando melhor o conteúdo, porém acredito que o essencial foi absorvido por grande parte deles. Deve-se também lembrar de que são alunos adolescentes e que muitos deles não gostam de escrever e estar em sala de aula no horário da aula de EDF. Outro ponto que deve ser salientado é de que a aplicação do questionário após aproximadamente três meses, em um momento em que estes alunos já estavam tendo outro conteúdo, pode ter sido um ponto negativo. Analisando e refletindo, se em

três meses estes alunos não lembram de muitos assuntos dentro do conteúdo, essas intervenções e conteúdo foram relevantes para eles? Ou foram suficientes?

Também não pode-se deixar de dizer que alguns alunos realmente deram respostas ricas e explicativas, o quê também significa que houveram pontos positivos na abordagem do conteúdo e na aplicação do questionário. Estes alunos souberam explicar, com suas palavras, o que apreenderam das PCANs. O que fica claro é que os alunos que deram essas respostas, em grande maioria são aqueles que estavam desde o início das intervenções nesta escola e turma, os que são mais calmos, atentos e não muito adeptos das práticas esportivas mais tradicionais e competitivas nas aulas de EDF, visto durante as observações e relatos destes. Fora da escola, estes preferem ou optam: dança, vôlei, assistir filmes e séries, academia, caminhadas, fazer nada, jogar no computador/online, ficar no celular, skate, “remo e bicicleta”, basquete, jiu-jitsu, surf, e teatro, segundo suas respostas no questionário. Concordando com Passos et.al (2..., p. 7), onde estes bolsistas do PIBID realizaram uma experiência também com esta temática, deve-se levar em consideração que cada indivíduo tem diferentes potenciais e que devem ser explorados dentro das aulas de EDF escolar pelos professores.

Através da análise dos relatórios de intervenções, inicialmente a turma era menor e mais participativa, trocavam mais informações com a professora estagiária e foi neste momento que tiveram as aulas teóricas e explicativas sobre o conteúdo PCANs. Esta mesma turma não tinha problemas quanto à participação nas aulas, todos realizavam as atividades propostas e nas conversas finais. Nenhum deles pedia para que o conteúdo fosse outro (“jogar bola”, por exemplo). Após a chegada dos alunos vindos da outra Escola, quase na metade do estágio, quando já havia iniciado com as aulas práticas de equilíbrio e práticas de slackline, a atmosfera da turma mudou muito e estes alunos recém chegados, pegaram o conteúdo já em andamento, um fato negativo para o estágio e conseqüentemente para esta pesquisa. Mesmo assim, pôde-se constatar que grande parte destes alunos não tinha conhecimento sobre o conteúdo, alguns se mostraram interessados, porém distantes e receosos durante a aula de slackline. Um grupo formado por estes alunos não quis participar, mesmo chamando-os insistentemente. Para os alunos que nunca tiveram estas vivências e experimentações na escola ou fora dela, faria algum sentido realizá-las naquele momento?

Tratando-se sobre o sentido, Inácio et. al. (2016) e a BNCC (2016), também apontam que a EDF como área das linguagens, deve proporcionar aos alunos a construção do sentido através das formas de ação e interação com o mundo e que as PCANs (ou urbanas), devem ser

“formas alternativas de interagir com o mundo, construir sentidos - mas também sensações - distintos dos tradicionais, propiciando aos sujeitos a constituição de novas subjetividades”. (INÁCIO; MARINHO, 2007 APUD INÁCIO et. al 2016).

Se tratando das diferentes experiências, diversificação de conteúdos na EDF escolar, como afirmam Tahara e Darido (2016) e Da Paixão (2017) concordam que, os alunos deveriam ter (têm) o direito de conhecer/experienciar toda a gama de conteúdos existentes dentro da disciplina curricular obrigatória, EDF.

Já na aula posterior pôde-se perceber nitidamente através do relatório que haviam diversos alunos que não se interessavam pelo conteúdo e que por terem chego depois, não realizaram as pesquisas para o trabalho escrito e que seria apresentado.

Na aula prática do circuito, uma vivência e experimentação do rapel e escalada, com essas práticas adaptadas à realidade da Escola, apenas três alunos não participaram das atividades. Uma aluna relatou que “não gostava de competir”, por este motivo não iria realizar a atividade principal que era um circuito, dividido em pequenos grupos e com a marcação do tempo de realização deste para cada grupo.

Na apresentação dos trabalhos, foi nítido que poucos alunos dos “recém chegados” na escola realizaram as pesquisas sobre seus temas. Praticamente, metade deles não o fizeram e apenas leram o que seus colegas haviam escrito. Porém, não apenas estes alunos mas outros que já estavam desde o início do estágio e ano na turma, não realizaram este trabalho.

A saída de campo ao Horto Florestal do Córrego Grande ocorreu de maneira positiva. Grande parte dos alunos gostaram de sair do ambiente escolar e realizar o passeio. Alguns deles ficaram inquietos no momento em que a palestra e explicação sobre meio ambiente e reciclagem ocorria, mas grande parte deles prestaram atenção e se interessaram. Através dos relatos durante e após o passeio, disseram que “queriam brincar e andar pelo local e que a explicação foi muito demorada”, demonstrando que estes estavam ansiosos para explorar o local e brincar. Porém, a importância deste momento da saída de campo vai de encontro com, como citado anteriormente, a interdisciplinaridade, a formação integral do sujeito e, como aponta Da Paixão (2017),

[...] a reflexão sobre as necessidades humanas e seus valores socialmente construídos pode ser o caminho para a formação de uma consciência ecológica e, conseqüentemente, a compreensão dos diferentes significados e implicações resultantes da interação dos seres humanos com o meio natural na contemporaneidade. (DA PAIXÃO, 2017, p. 174)

6 CONCLUSÕES

Como estudante de graduação e futura professora, as intervenções foram de grandiosa importância, aproximando-me ainda mais da realidade escolar e da prática pedagógica, analisando mais profundamente seus desafios e possibilidades. Tive que pesquisar, me apropriar de conteúdos, apreender para além das minhas “zonas de conforto” que são, o voleibol, yoga, bodyboard e outros. Por fim, a experiência de observar, planejar, pesquisar, as expectativas e frustrações, colocar em prática tudo vivenciado e apreendido ao longo da graduação e o que tive que buscar, a convivência com os alunos e estar na Escola, foi gratificante.

A pesquisa torna evidente a importância do conteúdo PCANs nas aulas de educação física e na relação interdisciplinar com outros professores. Houve por parte dos alunos uma grande aceitação do conteúdo, principalmente daqueles que antes não participavam das aulas. Pudemos observar que para muitos foi seu primeiro contato com o tema. Houveram frustrações de alunos que são mais competitivos e mais habilidosos nas práticas esportivas mais tradicionais e bom, ótimo desempenho dos alunos que geralmente não gostam e/ou menos habilidosos nas práticas esportivas. Analisando as falas durante conversas finais e em sala, pude perceber também que houve a compreensão da Educação física como algo além, com mais possibilidades e não somente a prática de esportes, talvez, por grande parte dos alunos que estudam há bastante tempo na escola, terem diferentes experiências se comparados com alunos de outras escolas.

De forma geral foi possível observar que houveram alguns imprevistos, alterações de datas, cronograma do estágio e acabei por estender o tempo programado das atividades com o slackline, pois percebi que era necessário mais tempo de prática para que realmente houvesse evolução e aprendizado, deixando as outras práticas que seriam abordadas (rapel, escaladas e trilhas) somente para o trabalho de pesquisa dos alunos e uma breve vivência.

Outro ponto a ser colocado e que foi percebido, é o fato de que devido às diversas práticas que existem dentro do conteúdo de PCANs, todas as possibilidades além das abordadas nessa experiência de estágio, poderiam ser facilmente e ainda não esgotadas com um planejamento para possivelmente todo o ano letivo, se não mais. Querer abordar quatro diferentes práticas dentro deste conteúdo em apenas dezenove aulas, pode ter sido (e acredito que foi) uma falha que cometi por não aprofundar devidamente tudo que planejei, apenas o slackline. O intuito era fazer com que os alunos pudessem experimentar uma quantidade relativamente variada de vivências e experimentações das PCANs, para que hoje ou no futuro

eles pudessem optar racionalmente por praticar, usufruir de práticas diferenciadas e não somente às aquelas mais tradicionais, vistas desde sempre nas aulas de EDF escolar, também as diversas possibilidades que existem no local/cidade onde vivem e que fazem parte da sua cultura, além de que pudessem compreender que existem diversas possibilidades dentro da disciplina curricular EDF.

Apesar disso, busquei desde o início fazer com que os alunos opinassem e participassem das conversas, trazendo à tona os conhecimentos que possuíam, elementos de sua cultura, tentando aliar suas bagagens com o conteúdo das PCANs trabalhados em aula, além de darem ideias e opiniões sobre algumas atividades, como referido nos documentos normativos. Dessa forma houve interação e troca de conhecimentos entre nós e pude perceber que muitos aproximaram-se mais das aulas a cada intervenção, a relação foi se tornando mais estreita, principalmente com os alunos que estavam matriculados na turma desde o início das observações e intervenções, isso me ajudou a ministrar as aulas.

Percebeu-se também que das possibilidades/ experiências apresentadas dentro das PCANs, as quatro foram as mais citadas nos questionários, deixando claro a importância de novos conteúdos nas aulas de EDF para o campo de possíveis destes alunos, ou seja, o conteúdo foi apresentado e experimentado pelos alunos, dando possibilidades para que estes optem ou não por realizá-los/praticá-los hoje ou futuramente, se houver/fizer sentido para eles. Sendo assim, através das respostas dos questionários, das análises dos documentos de estágio e de percepções enquanto estagiária e pesquisadora, percebi que para os alunos que estavam desde o início nas aulas o conteúdo fez/teve mais sentido do que para os alunos vindos posteriormente para a escola.

REFERÊNCIAS

- BENTO, L.C.M.; RIBEIRO, R.D. EDUCAÇÃO FÍSICA E MEIO AMBIENTE: NAS TRILHAS DO ECO TURISMO UM ESTUDO DE CASO DO MUNICÍPIO DE INDIANÓPOLIS, MG. EM EXTENSÃO, v.9, n.1, p.183-194, JAN. /JUL. 2010.
- BRACHT, WALTER. A CONSTITUIÇÃO DAS TEORIAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA, CADERNO CEDES, vol.19. N48. CAMPINAS,. AGO. 1999.
- BRASIL. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC). SEGUNDA VERSÃO REVISTA. BRASÍLIA, MEC/CONSED/UNDIME, 2016.
- CHARLOT, BERNARD. DA RELAÇÃO COM O SABER: ELEMENTOS PARA UMA TEORIA. PORTO ALEGRE: ARTMED EDITORA, 2000. 93 p. OS JOVENS E O SABER: PERSPECTIVAS MUNDIAIS. PORTO ALEGRE: ARTMED EDITORA, 2001.
- COLETIVO DE AUTORES. METODOLOGIA DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA. SÃO PAULO: CORTEZ, 1992. COLEÇÃO MAGISTÉRIO 2º GRAU – SÉRIE FORMAÇÃO DO PROFESSOR.
- DARIDO, SURAYA CRISTINA. OS CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA. IN: DARIDO, SURAYA CRISTINA; RANGEL, IRENE CONCEIÇÃO ANDRADE. (ORG.). EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO SUPERIOR: EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA. RIO DE JANEIRO: GUANABARA KOOGAN, 2005. P. 64-79.
- DA PAIXÃO, JAIRO ANTÔNIO. O ESPORTE DE AVENTURA COMO CONTEÚDO POSSÍVEL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. MOTRIVIVÊNCIA, FLORIANÓPOLIS, v. 29, n. 50, p. 170-182, ABR. 2017. ISSN 2175-8042. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://PERIODICOS.UFSC.BR/INDEX.PHP/MOTRIVIVENCIA/ARTICLE/VIEW/2175-8042.2017v29n50p170/34005](https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p170/34005)>. ACESSO EM: 30 MAIO 2019. DOI:[HTTPS://DOI.ORG/10.5007/2175-8042.2017v29n50p170](https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29n50p170).
- FRANÇA, D. L. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: AS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. CURITIBA, UFP, 2016. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://ACERVODIGITAL.UFPR.BR/BITSTREAM/HANDLE/1884/45271/R%20-%20D%20-%20DILVANO%20LEDER%20DE%20FRANCA.PDF?SEQUENCE=1&ISALLOWED=Y](https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/45271/R%20-%20D%20-%20DILVANO%20LEDER%20DE%20FRANCA.PDF?SEQUENCE=1&ISALLOWED=Y)
- FRANCO, L. C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S.C. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA. IN GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S.C.; OLIVEIRA, A. A. B. (ORGS.). LUTAS, CAPOEIRA E PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA. MARINGÁ: EDUEM, 2014. P.101-136.
- FRANCO, L. C. P.; TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NAS PROPOSTAS CURRICULARES ESTADUAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RELAÇÕES COM A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. CORPOCONSCIÊNCIA, CUIABÁ-MT, VOL. 22, N. 01, P. 66-76, JAN./ABR., 2018.
- INÁCIO, H. ET AL. BASTIDORES DAS PRÁTICAS DE AVENTURA NA NATUREZA. IN: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (ORGS) PRÁTICAS CORPORAIS: EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA PARA OUTRA FORMAÇÃO HUMANA. FLORIANÓPOLIS: NAEMBLU CIÊNCIA E ARTE, 2005. V. 3, P. 69-88.

INÁCIO, H. ET AL. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS – REFLEXÕES PARA ALÉM DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. MOTRIVIVÊNCIA V. 28, N. 48, P. 168-187, SETEMBRO/2016.

MARINHO, A. SCHWARTZ, G.M. ATIVIDADES DE AVENTURA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÕES SOBRE SEU VALOR EDUCATIVO. DIGITAL, (88). BUENOS AIRES. 2005.

PASSOS, RAFAEL BRAGA ET AL.. PRÁTICAS CORPORAIS NA NATUREZA: POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. ANAIS III CONEDU... CAMPINA GRANDE: REALIZE EDITORA, 2016. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/21998>>. Acesso em: 17/12/2020 20:38

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. EBM BEATRIZ DE SOUZA BRITO. FLORIANÓPOLIS, 2015.

PROPOSTA CURRICULAR DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS. PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, 2015.

ROCHA et al. AUTOETNOGRAFIA, CIÊNCIAS SOCIAIS E FORMAÇÃO CRÍTICA: UMA REVISÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA. Rev. Int. de Formação de Professores (RIFP), Itapetininga, v. 3, n.4, p. 168-185, out./dez., 2018.

SOARES, CAMILO JOSÉ DOS SANTOS; PAIXÃO, JAIRO ANTÔNIO DA. ATIVIDADES DE AVENTURA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: POSSIBILIDADES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. LECTURAS: EDUCACIÓN FÍSICA Y DEPORTES, BUENOS AIRES, V. 142, P. 1-1, 2010. DISPONÍVEL EM: <HTTP://WWW.EFDEPORTES.COM/efd142/ATIVIDADES-DE-AVENTURA-E-EDUCACAO-AMBIENTAL.HTM> ACESSO EM: 25 DE MAIO DE 2019.

TAHARA, ALEXANDER KLEIN; CARNICELLI FILHO, SANDRO. A PRESENÇA DAS ATIVIDADES DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. ARQUIVOS DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, UBERABA, V. 1, N. 1, P. 60-66, 2013.

TAHARA, ALEXANDER KLEIN ;DARIDO, SURAYA CRISTINA. PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA.©CONEXÕES, CAMPINAS, SP V. 14 N. 2 P. 113-136 ABR./JUN. 2016.

TAHARA, ALEXANDER KLEIN; DARIDO, SURAYA CRISTINA. DIAGNÓSTICO ENTRE A RELAÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. CORPOCONSCIÊNCIA, CUIABÁ-MT, VOL. 19, N.01, P. 01-10, JAN/ABR 2015.

TAHARA, ALEXANDER KLEIN; DARIDO, SURAYA CRISTINA. DIAGNÓSTICO SOBRE A ABORDAGEM DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM ILHÉUS/BA. MOVIMENTO, , PORTO ALEGRE, V. 24, N. 3, P. 973-986, JUL./SET. DE 2018.

WEBER, DA S., F. SILVA, A. M. INÁCIO, H. L. D. "A EDUCAÇÃO FÍSICA FRENTE A TEMÁTICA AMBIENTAL: ALGUNS ELEMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS." MOTRIVIVÊNCIA 30 (2009): 44-60.